



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ofícios antigos ou em extinção em Pelotas (RS), Brasil

Lorena Almeida Gill

lorenaalmeidagill@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Em nossa sociedade, com as rápidas transformações industriais e a revolução tecnológica, cada vez mais profissões e, principalmente, ofícios manuais vão se tornando obsoletos, sendo extintos ou estando em vias de desaparecer. Dessa forma, os trabalhadores que os exerceram têm um rico manancial de vivências, experiências e trajetórias ligadas a estes ofícios, que vão se perder paulatinamente com o desaparecimento destes. A maioria desses trabalhadores já se encontra retirada do mercado de trabalho, pelos motivos do esgotamento de sua força de trabalho, com o declínio natural da idade e também pelo avassalador efeito das novas tecnologias, que tornaram alguns dos ofícios mais tradicionais até então, completamente ultrapassados, como é o caso das parteiras e lavadeiras, ocupações existentes desde o Brasil colônia, mas que hoje se encontram bastante transformadas. A questão mais relevante é justamente analisar as profissões antigas ou à beira da extinção, como estivadores, motorneiros, gráficos, afiadores de faca, fotógrafos de rua, pescadores artesanais, bem como benzedadeiras e curandeiras, ofícios que insistem em se manter em um mundo que parece não querer mais lhes dar qualquer tipo de espaço, já que, muitas vezes, aquilo que oferecem se tornou descartável. A pesquisa, que está em execução faz alguns anos, se propõe a apresentar algumas destas trajetórias de vida. As narrativas foram construídas a partir da metodologia de história oral e, até o momento, 65 trabalhadores já foram ouvidos.

ABSTRACT

In our society, after fasten industrial changes and the technological revolution more and more the professions and, specially, the manual occupations are becoming obsoletes, being altered or endangered. In this way, the workers that have these occupations have a good deal of perceptions, experiences and trajectories, related to these occupations, that are gradually being lost with the disappearance of their tasks. Most of these workers are already out of the working market, what it is related, in the first place, to the workforce exhaustion due the natural age decline and to the new technologies huge effect, what made the most tradition occupations so far completely outdated, such as midwives or laundresses, occupations that existed since the colonial Brazil, but nowadays



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

are totally changed. The most relevant question is righteously to analyze the elder occupations that are endangered, like Dockers, Knife's sharpener, street photographers, artisan fishermen, and healers, occupations that resists in a world that seems to no longer give them any kind of space, since they've become obsolete over the years. The research, that it is in execution for some years now, intends to present some of these trajectories of lives. These narratives were made through oral history methodology and so far, 65 workers have been listened.

Palavras chave

Ofícios. Extinção. Brasil.

Key words

Occupations. Disappearance. Brazil.



I. Introdução

Faz oito anos que o Núcleo de Documentação Histórica da UFPel desenvolve pesquisa sobre ofícios que se transformaram ou foram extintos com o tempo, tendo em vista vários fatores, dentre eles, o desenvolvimento tecnológico.

O estudo iniciou após um congresso de história oral em Buenos Aires, no qual se procurava aproximações entre dois grupos de pesquisa que tinham como referência o mundo dos trabalhadores.

As primeiras incursões foram feitas a pequenas¹ cidades do Rio Grande do Sul, como Jaguarão, que fica na fronteira entre o Brasil e o Uruguai, sendo visitadas depois outras cidades como Piratini, Santana do Livramento e Pelotas.

Passado este tempo, não se sabe quando o projeto será finalizado, pois há profissões que não tinham pensadas em seu início e que agora merecem um olhar.

Alguns ofícios já foram analisados com maior cuidado como foi o caso dos benzedores e dos benzedores, para os quais foram realizadas 19 entrevistas em diversas cidades do Estado.

Tal temática é interessante, pois, no início da pesquisa, partia-se de algumas hipóteses que não foram confirmadas: a de que o ofício estava em extinção; que se tratava de atividade vinculada ao universo feminino e que estava circunscrita a pequenas cidades do interior.

As benzeduras foram consideradas a partir de três categorias, ou seja, de tradição, aquela em que os oficiantes adquiriram seus conhecimentos com membros da família ou pessoas próximas; de dom, aquela em que o início da atividade se deu após alguma tragédia ou trauma, que os possibilitou repensar a vida e realizar o bem a outros e de religião, aquela em que o benzedor se relaciona a determinadas religiões, especialmente de matriz afro-brasileira que costuma ter em seus centros de atendimento, alguém que cuida e reza pelo outro.

Note-se que as categorias não são estanques e serviram mais para pensar o ato de iniciação nas atividades da reza e da cura. O que ficou, no entanto, é que existem muitas mulheres e homens benzendo; que a benzedura que possui dificuldades para continuar é a de tradição, tendo em vista o

¹ São usados os seguintes parâmetros para se pensar sobre as cidades: as pequenas teriam até 100 mil habitantes; as médias de 101 a 500 mil; já as grandes acima de 500 mil habitantes.

pouco interesse dos jovens em aprender e que, mesmo em cidades de médio porte, como Pelotas, ainda é possível encontrar um número considerável de benzedores e benzedeiras.

Outras temáticas que fazem parte do projeto já foram pesquisadas como os sapateiros (SCHEER, 2014); os alfaiates (COSTA, 2012); os estivadores (PIEPER, 2016); os relojoeiros (GILL e LONER, 2014), as tecelãs (SILVA, 2015), em trabalhos finais do curso de Licenciatura ou de Bacharelado em História e também dissertações e teses desenvolvidas na UFPel e em outras Universidades.

II. Marco teórico/marco conceitual

A pesquisa, tendo em vista o marco temporal, se relaciona à história do tempo presente, já que os pesquisadores e os narradores são contemporâneos. Segundo Fico (2012, p. 44) a história do tempo presente se relaciona:

[...] a possibilidade desse conhecimento histórico ser confrontado pelo testemunho dos que viveram os fenômenos que busca narrar e/ou explicar. Trata-se, talvez, da única particularidade que verdadeiramente distingue essa especialidade das demais, embora muitos autores tenham tentado destacar outras singularidades do ponto de vista metodológico ou mesmo teórico.

Do ponto de vista conceitual tem amparo na história social do trabalho, a partir de autores como Hobsbawm (2000) e Thompson (1987 e 1998) e também nos conceitos de memória e identidade, já que a metodologia que, principalmente, utiliza é a história oral.

Segundo Candau (2011, p. 16):

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento.

Interessa, especialmente, as trajetórias de vida relacionadas ao mundo laboral. Algumas vezes se tem a ideia de que um ofício está em vias de extinção; em outras se percebe que está sendo modificado e que a alteração ou seu fim dependem também de fatores regionais. Pode-se



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

exemplificar tal afirmativa a partir do ofício de afiador de facas tão pouco presente no sul e tão relevante no nordeste e no norte do Brasil. De outra forma, profissões que parecem estar desaparecendo como os sapateiros foram ressignificadas, já que existem poucos daqueles que constroem todo o sapato, mas o remendão, como era chamado, continua presente no imaginário das cidades.

O projeto, que iniciou no ano de 2009, tinha uma lista preliminar de profissões que deveriam ser enfocadas, conforme já explicitado. Vários ofícios já foram analisados, mas novos, que não tinham sido incorporados, no primeiro momento, pedem também uma observação mais aprofundada como os carteiros, os bancários, dentre outros.

III. Metodología

O estudo tem se apoiado fortemente em duas metodologias principais: a pesquisa documental em processos da Justiça do Trabalho e a análise de fontes orais, a partir da construção de narrativas, as quais, neste projeto guarda-chuva, intitulado À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer, já chegaram a sessenta e cinco.

Para a pesquisa documental há o amparo em autores como André Cellard, para quem:

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008: 295).

O acervo da Justiça do Trabalho é composto por mais de 105 mil processos trabalhistas que abarcam o período de 1936 a 1995. Toda esta documentação está salvaguardada pelo Núcleo de Documentação Histórica da UFPel desde o ano de 2006, através de um acordo de comodato realizado com o Memorial da Justiça do Trabalho da 4ª região. Sobre o tema são utilizados vários



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

autores que já pensaram sobre este tipo de acervo no Brasil, como Biavaschi (2007), Gomes (2006), Gomes e Silva (2013), Schmidt (2013) e Speranza (2014), dentre outros.

Já para a metodologia de história oral são utilizados estudiosos que pensam a memória e a identidade, como Halbwachs (2004); Candau (2011); Portelli (1997) e também textos que abordam a metodologia de forma mais específica, como Meihy e Hollanda (2007); Alberti (2004), Delgado (2010) e Gill e Silva (2016).

A história oral é vista a partir de sua vertente temática, ou seja, são abordados, através de um roteiro básico de perguntas, questões que envolvem a trajetória profissional dos narradores. Nesta comunicação serão enfocadas entrevistas com duas mulheres pescadoras artesanais de Pelotas, RS, cuja prática está sendo modificada, por alguns fatores, dentre eles a redução do pescado em lagoas existentes na região tendo em vista a poluição ambiental e também a atuação de empresas pesqueiras na atividade, que retiram o protagonismo dos pequenos produtores. Trata-se de um texto inicial, que se propõe a construir um debate, tendo em vista que várias outras pescadoras e pescadores serão entrevistados no decorrer do projeto.

IV. Análise e discussão dos dados

Narrativas de pescadoras artesanais:

Céres Cristina Abreu Queirós nasceu no dia 18 de janeiro de 1974 na cidade de Pelotas. A mãe era enfermeira e o pai, não conheceu. Casada há 26 anos com José Luís, Céres começou a trabalhar na pesca tão logo conheceu seu companheiro.

Segundo ela:

Naquela época a gente não tinha barco a motor, a gente ia a remo. Aquela época tinha peixe, era muito mais fácil. Não tinham tantos pescadores. Não tinha a tróia que acaba com as pescarias. O que está acabando com tudo são os maiores que estão acabando com tudo, com aquelas redes de arrastão que não pode porque é proibido. Mas com os grandes sempre podem tudo, não é?

Céres conta sobre as dificuldades do início:



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Então na época a gente pescava com barco a remo. Eram 5 horas a remo. A gente saía às 13 horas e chegava às 18 na ilha. [...] Aí a gente trabalhava no meio das lagoas, porque lá tem duas lagoas grandes e a gente ficava lá até de madrugada. Aí depois de madrugada a gente vinha para o acampamento, não é? Arrumava as coisas. a gente não tinha barraca. Aí a gente lavava o barco e enquanto o barco secava a gente fazia comida de chão.

Ela enfatiza que o início da atividade foi muito desgastante, pois a infraestrutura que possuíam era precária. Hoje embora exista, segundo ela, uma menor quantidade de peixes disponíveis aos pescadores artesanais, o produto vale mais, especialmente para aqueles que vendem filé de peixe.

De todo o modo, o trabalho só tem resultado se o próprio pescador conseguir comercializar seu produto. O pescador, via de regra, precisa entregar os peixes capturados para os salgueiros, que possuem os galpões e vendem direto para as grandes indústrias. O que mais ganha, segundo Céres, é o salgueiro, cuja única função é aguardar o barco chegar e intermediar valores de compra e venda.

Ela tem dois filhos e conta que desde cedo participaram junto nas pescarias. Camila, que hoje tem 21 anos, esteve com eles na lagoa desde os quatro meses; Crigor, atualmente com 16 anos, também iniciou cedo e continua com o ofício.

Em alguns momentos a pescaria pode durar cinco, seis dias, de acordo com o que conseguem capturar. Na lagoa, todos são responsáveis por todas as tarefas, o que acaba se reproduzindo na casa, cotidianamente, através de uma divisão de tarefas mais justa na casa.

Sobre a manutenção na pesca atualmente, diz que possuem dificuldade em se vincular apenas a esta tarefa. Quando há uma boa safra, de camarão ou de tainha, por exemplo, conseguem, via de regra, guardar recursos que proporcionam a manutenção da família durante vários meses, mas esta não tem sido a realidade dos últimos tempos.

Há um período² do ano em que eles não podem pescar, o defeso, tendo em vista a necessidade de reprodução dos peixes. Este varia de região para região, mas que no RS é de 1º de novembro a 31 de janeiro. Para compensar o tempo em que não conseguem exercer o ofício o

² As definições levam em consideração a Instrução Normativa do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), nº 201, de 22 de outubro de 2008 e a Portaria, também do Ibama, nº 48, de 25 de setembro de 2007.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

governo brasileiro pago o seguro defeso ao pescador profissional registrado em um valor equivalente a um salário mínimo, durante cinco meses.

Para ajudar nas despesas da casa ela cozinha, preparando bolinhos de peixe e outros pratos, que vende para pessoas que a conhece. Além disso, tem uma trajetória de engajamento na luta pelo cuidado dos animais. Dessa forma, resgata e cuida de dezenas de gatos e cachorros, sendo uma referência não só no Barro Duro como na cidade de Pelotas.

A segunda entrevista que será apresentada aconteceu com Flávia Silveira Pinto, que nasceu em 24 de setembro de 1973. A mãe de Flávia era dona de casa e seu pai, segundo ela, tinha uma profissão hoje extinta, ou seja, era matador de boi do frigorífico Anglo.

Flávia é casada com um pescador e mora há 25 anos na Colônia Z3. Logo no início da entrevista, refletindo sobre o que mudou no ofício, assim diz: "[...] As coisas hoje em dia estão muito modernas. Aquele pescador antigo que ia pro mar e colocava a rede na água e esperava hoje em dia não existe mais. Hoje em dia tem sonar e radar que o pescador só coloca a rede onde tá o peixe".

Flávia diz que há um tempo atrás faziam pescas e retornavam com os barcos cheios, mas que isso não acontece mais.

[...] Acho que esses barcos que vem de fora também, não é? A competição com o pequeno é muito... O arco que arrasta aí toneladas de peixe em uma hora não se compara com um homem, com um serviço braçal, que vai colher uma rede. Não tem como competir com os grandes. Infelizmente os pequenos vão sempre sair prejudicados nessa briga. A gente vendia peixe, gurias, para vocês terem uma ideia, a dois reais, a um e cinquenta.. . E aí tu chega aqui na pescaria e tem peixe para vender por vinte e cinco reais. Inclusive, isso aí não estimula.

Sobre o futuro da pesca, Flávia, que hoje atua como artesã, não é muito otimista. Ela diz que tem dois filhos e que ambos não seguirão a profissão dos pais. "E eu prefiro que eles não sigam porque eu acho muito sofrimento pra pouca coisa, não é? Hoje em dia um pescador de 40 anos aí é uma pessoa com a aparência de 60 anos. É uma pessoa judiada, tu pega sol o dia inteiro, pega frio o dia inteiro".

Flávia, ao contrário de Céres, buscou novas formas de sustento depois do nascimento do primeiro filho. "Daí a gente tem escola, né? Tem tudo, não dá para ir acompanhar eles como eles



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

iam, ficavam uma semana no mar, quinze dias em alto mar, não dá mais para fazer. Aí a gente queria uma alternativa e a gente foi indo e conheceu o artesanato".

O artesanato que faz se relaciona ao que pode ser reciclado com a pesca. "Um pequeno grupo de mães foi se formando, começamos a trabalhar com reciclagens, aí um dia a gente conheceu uma moça da Emater³ que trabalhava com escama de peixe, daí a gente ficou maravilhada". Com o tempo começaram a trabalhar também com as redes e ficaram conhecidas como rendeiras.

O grupo é formado por nove mulheres, todas filhas de pescadores, que desenvolvem através do artesanato aquilo que mais gostam. "Hoje tem uma que costura, uma que tece o tear, a gente tem as da biojóia, que fazem as joias das escamas, a gente tem a do couro".

Revela que, algumas vezes, consegue ter uma renda próxima a que o marido obtém com as pescarias, especialmente quando realizam feiras. De todo o modo, diz que não possuem um reconhecimento tão grande na cidade de Pelotas, quanto aquele obtido em outras regiões do Brasil (vendem em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro) ou até mesmo do exterior, já que tem exportado para a França, por exemplo.

Flávia diz que tendo em vista as feiras que realiza para mostrar os produtos e fazer novos negócios, faz viagens frequentes, em que tem que ficar vários dias afastada de casa. Tal situação modificou as relações na casa, pois todos tiveram que realizar as tarefas cotidianas.

Sobre a renda obtida com o artesanato compara com o que é obtido com a pesca: "[...] Quando a gente foi pra Parati, quando a gente vendeu um monte, a nossa renda foi assim bem superior a dois, três meses de renda do marido da gente. Então quando tem uma feira a gente quer abraçar essa feira pra poder ganhar, né?".

V. Conclusões

A parte da pesquisa sobre pescadores artesanais está em seu início já que foram feitas três entrevistas (ainda que nesta comunicação tenha sido apresentada apenas duas de mulheres).

³ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A título de considerações iniciais tem-se que as duas pescadoras iniciaram as atividades a partir da prática de seus maridos, que estavam inseridos na atividade fazia mais tempo.

Elas não têm percebido uma diminuição no número de pescadores, pelo contrário, mas verificam dificuldades em continuar com a atividade, tendo em vista as condições que existem para isso.

Céres atuou desde o início e continua pescando. Flávia não tem ido muito à lagoa e ao mar com o nascimento dos filhos, mas está bastante envolvida com a pesca, através da reciclagem dos seus produtos. As duas tem investido na formação dos filhos, de modo que eles consigam outras ocupações ao longo de suas vidas.

Chama a atenção, nas suas narrativas, o fato de que revelam ter muita parceria dentro de suas casas, tanto para o preparo dos alimentos, quanto para o cuidado das roupas e a atenção com os filhos. Não é muito usual o envolvimento dos maridos, de forma igualitária, nas tarefas dentro do âmbito privado.

Elas parecem bastante comprometidas com redes de solidariedade que possuem, em sua maioria, mulheres. Céres atua junto a comunidades no *facebook*, que reúne milhares de pessoas que se preocupam com a causa animal. Além disso, se faz presente em reuniões e audiências públicas na cidade que debatem o tema. Flávia participa de grupos que coletam sobras de peixe e de equipamentos utilizados, como a rede, visando a transformação desse material em artesanato.

Representam, dessa forma, um pouco do universo das mulheres pescadoras em Pelotas, que precisam buscar novas formas de trabalho e renda para manter suas famílias de uma maneira mais adequada e solidária.

VI. Referências

Fontes Orais:



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- Entrevista realizada com Céres Cristina Abreu Queiros, no dia 3 de agosto de 2016, na casa dela, no Balneário dos Prazeres, mais conhecido como Barro Duro. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Caroline Duarte Matoso.

- Entrevista realizada com Flávia Silveira Pinto, no dia 18 de julho de 2016, no Mercado Público de Pelotas. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Caroline Duarte Matoso.

Fontes Bibliográficas:

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

BIAVASCHI, Magda. **O direito do Trabalho no Brasil**: a construção do sujeito de direito trabalhista (1930-1942). São Paulo: LTr-Jutra, 2007.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean [et. al.]. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 295- 316.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis o caso brasileiro. **VARIA HISTÓRIA**, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, p.43-59, jan/jun 2012.

GILL, Lorena e Silva, Eduarda. Perspectivas para a História Oral. In: Pedro Robertt; Carla Rech; Pedro Lisbero e RocheleFachineto. (Org.). **Metodologia em Ciências Sociais Hoje**: Práticas, Abordagens e Experiências de Investigação. Jundiaí, Santa Catarina,: Paco Editorial, 2016, v. 2, p. 107-126.

GOMES, Ângela. Retrato falado: a Justiça do Trabalho na visão de seus magistrados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 37, janeiro-junho de 2006, p. 55-80.

GOMES, Ângela e SILVA, Fernando. **A Justiça do Trabalho e sua História**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.



HOBBSAWM, Eric. **Os trabalhadores**: estudo sobre a história do operariado. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena. Relojeros: análise de uma profissão em dois tempos. **Revista Taller**, v. 3, p. 38-55, 2014.

MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

PIEPER, Jordana. Da classificação à fiação. As experiências de operários têxteis da fábrica Laneira Brasileira em Pelotas (1980-1988). **Dissertação** (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, 2016.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História** nº 15. São Paulo, PUC, 1997, p. 13-50.

SCHEER, Micaele. Vestígios de um ofício: o setor calçadista e as experiências de seus trabalhadores na cidade de Pelotas (1940-2014). **Dissertação** (Mestrado em História), PUCRS, 2014.

SCHMIDT, Benito. Trabalho, Justiça e Direitos: perspectivas historiográficas, In: SCHMIDT, Benito (Org.). **Trabalho, Justiça e Direitos no Brasil**: pesquisa histórica e preservação de fontes. Porto Alegre: Oikos Editorial, 2010, p. 25- 36.

SILVA, Eduarda. Tramando Direitos: as Operárias da Fiação e Tecidos Pelotense e seus Processos Judiciais (1944-1954). **Aedos**, Porto Alegre, v. 7, n. 17, p. 41-58, Dez. 2015. <http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/viewFile/58143/36104> Acesso em 25 de novembro de 2017.

SPERANZA, Clarice. **Cavando direitos**: as leis trabalhistas e os conflitos entre os mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954). Porto Alegre: ANPUH, Oikos, 2014.

THOMPSON, Edward. **Senhores e Caçadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VASCONCELLOS, Marciele Agosta. À moda dos alfaiates: nuances de um ofício artesanal na cidade de Pelotas, nas décadas de 1940 e 1950. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura em História), Pelotas: Universidade Federa